

SEM LUGAR PARA pedestres e clientes

AS CALÇADAS E VAGAS PARA MOTORISTAS DO PISTÃO SUL FORAM TOMADAS PELOAS 87 REVENDAS DE CARROS, QUE NÃO SE INTIMIDARAM COM BLITZ REALIZADA HÁ TRÊS MESES

Daniel Ferreira/CB



DO ALTO DE QUALQUER UMA DAS DUAS PASSARELAS DA PRINCIPAL AVENIDA DE TAGUATINGA É POSSÍVEL FLAGRAR A BAGUNÇA CRIADA PELAS CONCESSIONÁRIAS DE AUTOMÓVEIS: CARROS À VENDA SÃO EXPOSTOS ATÉ EM CIMA DE CANTEIROS

ADRIANA BERNARDES

DA EQUIPE DO CORREIO

Além dos estacionamentos públicos, como na W3 Norte e Sudoeste, as 87 revendas do Pistão Sul tomaram conta também das calçadas. Da QSA, no começo da via, até a CSG de Taguatinga, ao lado da Universidade Católica, os pedestres têm que ziguezaguear entre os carros ou andar no meio da rua. Mesmo quem vai à avenida comprar um veículo, encontra dificuldade. Os empresários ocupam até o espaço que serviria para os carros dos clientes.

Do alto de uma das duas passarelas de pedestres do Pistão Sul, o que se vê é a aglomeração de carros. A princípio, as margens da via parecem estacionamentos. Mas, do chão, se percebe que tudo é uma desorganização. Veículos com preços escritos nos pára-brisas ocupam as vagas públicas, calçadas e canteiros gra-



mados. As empresas ignoram a fiscalização.

Em agosto, agentes da Subsecretaria de Fiscalização de Atividades Urbanas (Sufis) lacraram

42 estabelecimentos do Pistão Sul por falta de alvará e invasão de área pública. Passados três meses, a situação é a mesma. O administrador de Taguatinga, Benedito Domingos, diz ser preciso comprovar as irregularidades para punir os infratores. "Ao assinar o Termo de Ajustamento de Conduta que permitiu a reabertura das lojas, os empresários se comprometeram a liberar pelo menos 2m de calçada. Quem descumprir, perderá o direito de trabalhar", afirmou, sem dizer quando haverá nova fiscalização.

O subsecretário Antônio Alves do Nas-

cimento Neto, da Sufis, diz que o governo vai rever toda as concessões. "A maioria das revendas paga para usar a área pública, mas algumas pagam uma metragem e usam o dobro. Isso vai acabar", garantiu. Neto disse que a Sufis concluirá o mapeamento das revendas que usam área pública, em 15 dias. Depois, o governo decidirá sobre a concessão.

O presidente da Associação de Revendedores de Veículos Usados no DF (Agenciauto-DF), Sérgio Andrade, diz ser preciso criar novos espaços para o setor. Mas destaca que não há justificativa para a ocupação ilegal de espaço público. "Queremos a criação de áreas para o comércio de carros entre Taguatinga e Ceilândia e no Gama", conta.

Uma conquista recente para as empresas do ramo foi a proibição de feirões de carro em áreas públicas ou particulares. O coordenador das Cidades, Geovani Ribeiro, explicou que a medida, em vigor desde

ontem, evitará a sonegação de impostos e a concorrência desleal com os empresários da cidade. "Muitas empresas vinham de fora, sem pagar tributo ao DF. E ainda usavam uma área 10 vezes maior que a autorizada", acrescentou.

Manobristas

No Plano Piloto, bares e restaurantes oferecem manobristas para atrair a clientela. O serviço não é regulamentado. Supervisor de uma loja de bolsas e calçados da 205 Sul, Sarkis Alves Ferreira diz que a contratação de manobristas foi o caminho para evitar a fuga de clientes. "Não temos como medir se o faturamento aumentou. Mas é certo que gastamos mensalmente R\$ 1,2 mil com o serviço e que os clientes agora ficam mais tranquilos para fazer suas compras", disse. Em muitos casos, os carros dos clientes são deixados em fila dupla ou levados para outros locais proibidos, como canteiros.

REGAS PARA PUXADINHOS

Representantes da Administração Regional de Brasília, da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do Ministério Público debateram ontem o projeto que delimita o uso da área pública. Um dos pontos discutidos foi a necessidade de aumentar o rigor da fiscalização para evitar novas invasões nas quadras comerciais. "Os comerciantes não podem construir mais puxadinhos", afirmou o superintendente do Iphan no DF, José Gastal.

ARQUITETURA DE BRASÍLIA em debate

Erika Klögl
saída é buscar arquitetos modernistas pelo país e até pelo mundo com propostas que possam garantir a coerência na evolução arquitetônica da capital."

O tema, no entanto, está longe de ser uma unanimidade. "Niemeyer é um gênio, sem dúvida, mas a arquitetura de vanguarda pressupõe algo realmente novo. Brasília não cumpre mais esse papel há um bom tempo", polemiza o arquiteto Daniel Mangabeira. Para ele, os grandes símbolos da inovação foram construídos na criação da capital e nas primeiras décadas da cidade como o Palácio do Planalto e o Congresso Nacional. As construções mais recentes, como o próprio Museu da República e a Biblioteca Nacional não teriam mais características de vanguarda por ser a repetição do estilo. "A arquitetura de Brasília é de um homem só. É uma pena usar apenas um arquiteto para construir uma cidade inteira."

"Brasília é referência no mundo por ter uma escala de edificação planejada como nenhuma outra. É uma missão que deve ser mantida", observa Arthur Mattos Casas, arquiteto paulista com obras espalhadas por Nova York, Paris, Rio de Janeiro, Tóquio e Buenos Aires. "A

Polemica

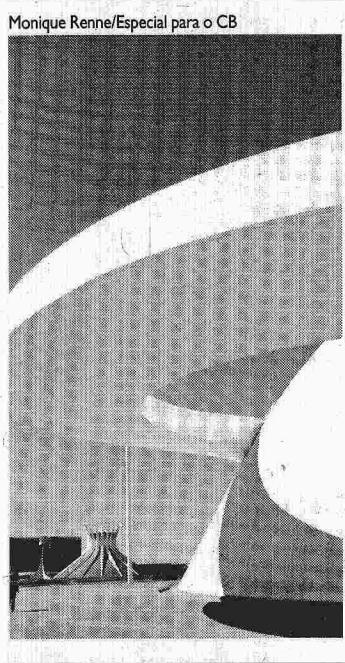
Não foi à toa que todos os arquitetos da mesa redonda sobre arquitetura contemporânea levaram para o debate a vontade de refletir. "A hora de comemorar os 100 anos de Niemeyer, é também a hora de pensar. Às vezes, a gente começa a fazer projetos, a planejar edificações ou até propostas de urbanismo sem discutir", observa a presidente da Abradi, arquiteta Yeda Garcia. "E o momento foi escolhido também pelo lançamento do livro, em Brasília, de Arthur Casas um dos maiores arquitetos contemporâneos brasileiros." A publicação *São Paulo na arquitetura de Arthur Casas* traz o registro das obras que criou para a cidade de São Paulo. O livro foi lançado ontem após a mesa redonda.

De acordo com Yeda, o desafio de Brasília é o mesmo enfrentado pelo restante

do mundo. "Não vou citar nomes, mas hoje convivemos com a pressão de construtoras e empresas que têm como foco principal os aspectos comerciais, deixando até um pouco de lado a valorização das formas arquitetônicas", provoca.

Essa também é uma das preocupações do Paulo Henrique Paranhos. "Na área tombada de Brasília ainda há uma coerência. Mas, sem dúvida, existem profissionais que trazem contribuições nocivas à arquitetura de Brasília, visando apenas o lucro e sem nenhuma reflexão", comenta. Ele cita a construção de prédios nas novas áreas residenciais, como Águas Claras e Sudoeste, e até residências nos Lago Sul e Lago Norte. "Quando um arquiteto sugere a construção de uma casa ou prédio tem que refletir sobre a durabilidade estética e funcional desse projeto. Não dá para ficar obsoleto com 10 anos."

Monique Renne/Especial para o CB



Erika Klögl
DA EQUIPE DO CORREIO

No ano em que o país comemora o centenário de Oscar Niemeyer, importantes arquitetos de Brasília e do Brasil se reuniram ontem para debater os desafios do urbanismo. A capital do país passa por uma fase decisiva para se manter como expoente de vanguarda na arquitetura. O palco para a reflexão, promovido pela Associação Brasiliense de Designers de Interiores (Abradi), não poderia ser mais apropriado: o Museu da República, na Esplanada dos Ministérios.

"Brasília é referência no mundo por ter uma escala de edificação planejada como nenhuma outra. É uma missão que deve ser mantida", observa Arthur Mattos Casas, arquiteto paulista com obras espalhadas por Nova York, Paris, Rio de Janeiro, Tóquio e Buenos Aires. "A